

## IMAGENS UTÓPICAS E DISTÓPICAS DO DESERTO E DA FLORESTA EM EUCLIDES DA CUNHA\*

LEOPOLDO M. BERNUCCI\*\*

### RESUMO

Este estudo aborda duas questões principais na obra de Euclides da Cunha. A primeira se refere às imagens utópicas e distópicas criadas pelo autor para descrever e narrar a floresta amazônica; e a segunda, também ligada aos escritos de Euclides sobre a Amazônia, remete-se a matrizes linguísticas de duplicação empregadas por ele tanto em *Os sertões* como em “À margem da história”. Discorrendo sobre o significado que *Um paraíso perdido*, o seu livro incompleto e não publicado, pode gerar quando esmiuçado como projeto grandioso e nunca acabado, este ensaio tenta demonstrar as dificuldades que Euclides enfrenta ao estudar como cientista a complexidade da natureza amazônica e sua relação com os seus habitantes; e como artista, sua relutância e oscilação entre uma representação favorável e outra completamente oposta do universo da floresta. Projeto inacabado, *Um paraíso perdido* seguiu como concepção livresca as mesmas linhas que Euclides traçou para *Os sertões*. A obra tão ambicionada, cujo projeto foi abruptamente abortado sem se saber exatamente por quê, sinaliza em princípio um forte desejo já expresso em *Os sertões*: o de ser um livro, novamente, *vingador*. Tal compromisso social valoriza ainda mais o perfil de Euclides como escritor de denúncias sociais e se soma às suas conhecidas qualidades de homem de ciências e letras. Sempre ajustados a uma dicção clássica e inusitada no seu peculiar discurso, os seus textos tanto em *Os sertões* como em *À margem da história* primam por uma característica comum. Em ambos, Euclides emprega fórmulas linguísticas que se repetem, deixando-se ver um modo de pensar e de escritura que faz aproximar, cultural e artisticamente, duas regiões geralmente consideradas antinômicas, o deserto e a floresta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Utopia, distopia, deserto, floresta, Amazônia, compromisso social.

\* Trabalho apresentado no Center for Latin American Studies da Stanford University (Palo Alto, CA, USA) em 23 de fevereiro de 2011.

\*\* Professor da University of California at Davis (Califórnia, USA).  
E-mail: lbernucci@ucdavis.edu

Embora não de todo clara, a data do início da escritura daquele que seria o outro grande livro de Euclides da Cunha, *Um paraíso perdido*, poderia ser fixada em torno dos primeiros meses de 1906. Este grande projeto de denúncia social, o segundo também em importância histórica e literária depois de *Os sertões*, infelizmente, nunca chegou a concretizar-se. Pelo contrário, ficou sendo o seu livro ardentemente desejado. Assim é como o autor informa um dos seus melhores amigos, Francisco Escobar, em carta de 13 de junho do mesmo ano:

Em paz, portanto, essa rude pena de caboclo ladino. Ou melhor, que vá alinhando as primeiras páginas de *Um paraíso perdido*, o meu segundo livro vingador. Se o fizer, como o imagino, hei de ser (perdoe-me a incorrigível vaidade), para a posteridade, um ser enigmático, verdadeiramente incompreensível entre estes homens. (GALVÃO; GALOTTI, 2005, p. 306)<sup>1</sup>

Em outra correspondência dirigida a Firmo Dutra, em 30 de setembro de 1906, Euclides uma vez mais conta ao amigo, com quem teria passado uma parcela considerável de tempo em Manaus, antes da expedição ao Alto Purtus, que ele começara a escrever *Um paraíso perdido*. Se quisermos seguir rastejando a primeira menção do título desse livro, basta ler ainda duas missivas escritas em 10 de março de 1905, uma enviada também a um bom amigo; e outra a José Veríssimo. Para o amigo Coelho Neto, Euclides escreve:

Depois, aí, e num livro: *Um paraíso perdido*, onde procurarei vingar a Hilea maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVIII. Que tarefa e que ideal! Decididamente nasci para Jeremias destes tempos. Faltam-me apenas algumas barbas brancas, emaranhadas e trágicas. (GALVÃO; GALOTTI, 2005, p. 266)

Ademais, em uma analogia com o *Paradise Lost* de Milton, em carta de 1905 ao amigo paraense, Artur Lemos, Euclides afirmará:

Além disso, esta Amazônia recorda a genial definição do espaço de Milton: esconde-se em si mesma. O forasteiro contempla-a sem a ver, através de uma vertigem. Ela só lhe aparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente. (GALVÃO; GALOTTI, 2005, p. 268-269)

Embora os comentários sobre seu livro apareçam na sua correspondência somente durante o ano de 1905, o grande complexo amazônico já estava nos seus planos de estudos desde 1898, quatro anos antes, portanto, da publicação de *Os sertões*. Em um artigo escrito para *O Estado de S. Paulo*, em 14 de novembro desse ano, “Fronteira sul do Amazonas. Questão de limites”, Euclides realiza a sua primeira incursão intelectual no vasto universo amazônico.

Para nós hoje, seus leitores, interpretar os textos de Euclides sobre essa região de florestas e rios é tarefa das mais desafiantes, porque, se o pensarmos estritamente do ponto de vista do historiador, perderemos o artista que vive nele. No entanto, se o considerarmos somente como poeta, teremos dificuldades em aceitar suas ideias, já que elas se baseiam tanto em observações, experimentos e evidências históricas.

Penso que estas observações são absolutamente necessárias para se medir o alcance do talento de nosso autor e o uso incomparável que ele faz de suas duas *personae*, o cientista e o artista, já que o seu olhar oscila entre natureza e paisagem na descrição da Amazônia, como se Euclides estivesse ora olhando-a sob um microscópio e fazendo a análise do seu solo, ora voltando-se à paleta para escolher a melhor cor que se ajustasse aos traços da composição riscados na sua tela. Seria impossível, portanto, separar o cientista e o artista nele, posto que o raciocínio do primeiro é o mesmo que guia os gestos verbais do segundo ao empregar a lógica aristotélica, segundo a qual a beleza de um todo é o resultado da harmonia e a ordem entre cada uma de suas partes.

Não há exagero em afirmar que, em sua descrição da Amazônia, Euclides se debate entre adotar um “processo obrigatoriamente analítico” e uma visão artística do grande território (RANGEL, 1966, p. 446). O seu dilema está em conciliar uma descrição da natureza que seja cientificamente correta e precisa, com aquela da paisagem tropical, cuja qualidade estética possa nos transmitir a fulguração de uma inteligência superior e sensível e que, ao mesmo tempo, consiga nos comover. Vale dizer, o acasalamento do olho do cientista com o do artista, neste caso o poeta.

Como veremos mais adiante nas suas descrições, as categorias do Belo e do Feio não são simples de serem aplicadas à majestosa floresta, e quando Euclides o faz, o resultado é inevitavelmente oximorônico. Se o quadro que ele descreve é de uma natureza morta, esta também se

agita; se sua intenção é representar a duplicidade de um componente da floresta, isto só é possível de modo paradoxal, quando ele o chama, por exemplo, de o “inferno florido dos seringais” (RANGEL, 1966, p. 452).

Consideremos a maneira como ele fala das tentativas de se querer conhecer e estudar o imenso território. O seu porte é tão vasto e descomunal que

impossibilita o descortino desafogado do conjunto. [...] e à medida que as [as infinitas faces da Amazônia] distinguimos melhor, vai-se-nos turvando, mais e mais, o conspecto da fisionomia geral. Restam-nos muitos traços vigorosos e nítidos, mas largamente desunidos. Escapa-se-nos, de todo, a enormidade que só se pode medir, repartida: a amplitude, que se tem de diminuir, para avaliar-se; a grandeza, que só se deixa ver, apequenando-se, através dos microscópios [...]. (RANGEL, 1966, p. 446)

Assim, a natureza portentosa deixa muito a desejar porque, seguindo a lógica aristotélica empregada por Euclides, ela “não pode ser bela, sendo enorme, porque faltaria a visão de conjunto, escapando à vista dos espectadores a unidade e a totalidade” (SUASSUNA, 2009, p. 53).

Além disto, sob o conceito estreitamente artístico, isto é, como um trecho da terra desabrochando em imagens capazes de se fundirem harmoniosamente na síntese de uma impressão empolgante, é de todo em todo inferior a um sem-número de outros lugares do nosso país. (CUNHA, 1966d, p. 223)

Difícilmente para Euclides, as partes do todo – estas que ele denomina “fragmentos”, “aspectos parcelados” – poderiam estar em plena harmonia e ordem nessa floresta tropical. Melhor sorte teria tido ele se se aderisse à visão equilibrada do idealismo de Plotino sobre a Beleza porque, ao contrário de Aristóteles, viu esta na autonomia de cada uma de suas partes e não na relação de dependência entre elas e o conjunto (SUASSUNA, 2009, p. 61).

Já podemos medir as consequências de, sendo as partes feias ou imperfeitas – “a flora ostenta a mesma imperfeita grandeza” (CUNHA, 1966d, p. 223), a “fauna singular” é “monstruosa” (p. 224) –, elas não serem “capazes de se fundirem na síntese de uma impressão empolgante”

e de se aproximarem do conceito de Beleza dado por Aristóteles, que privilegia o conceito de harmonia como uma das características essenciais da beleza (SUASSUNA, 2009, p. 52). Portanto, se a Beleza consiste em unidade na variedade, como quer o grego, a Amazônia serve para provar a tese da sua face mais horrenda:

Destarte a natureza é portentosa, mas incompleta. É uma construção estupenda a que falta toda a decoração interior. [...]

Tem tudo e falta-lhe tudo, porque lhe falta esse encadeamento de fenômenos desdobrados num ritmo vigoroso, de onde ressaltam, nítidas, as verdades da arte e da ciência [...]. (CUNHA, 1966d, p. 224)

[...] o que ali está sob o disfarce das matas, é uma ruína. (p. 226)

Ao estudar as diferentes formas de discurso sobre a Amazônia em trabalho recente, Ana Pizarro (2009) insere os textos amazônicos de Euclides no registro dos ensaios, ou daqueles textos escritos por intelectuais, já que também há textos jornalísticos e legais de documentação e de denúncia, textos perversos escritos pelos barões da borracha e, por fim, depoimentos de vítimas (seringueiros e índios). A principal diferença entre o que escreveu Euclides e os demais intelectuais reside em que nestes “o tom se logra com a descrição, a explicação, a história e as provas concretas” e em Euclides, “além da informação precisa e os dados concretos, o que ele faz é interpelar o leitor a partir da pulsão estética na construção da linguagem” (PIZARRO, 2009, p. 127; tradução minha). Contudo, mesmo empolgado pelo novo assunto e esbanjando conhecimento e dote artístico, o que na verdade sabemos é que Euclides queria escrever outro livro vingador, ademais de *Os sertões*. Porém, para o nosso desconsolo temos infelizmente poucas informações sobre como ele queria compô-lo.<sup>2</sup> Arrisquemos algumas hipóteses.

Escrever uma história sobre a Amazônia não era – e essa dificuldade ainda persiste hoje – para qualquer alma desavisada. Foi Euclides que eloquentemente se deu conta disso e declarou:

É uma grandeza que exige a penetração sutil dos microscópios e a visão apertadinha e breve dos analistas; é um infinito que deve ser dosado. [...] Escreverei *Um paraíso perdido*, por exemplo, ou qualquer outro em cuja amplitude eu me forre de uma definição

positiva dos aspectos de uma terra que, para ser bem compreendida, requer o trato permanente de uma vida inteira. (GALVÃO; GALOTTI, 2005, p. 269)

Mais surpreendente ainda é, talvez, o fato de que Euclides, influenciado pelos versos do *Paraíso perdido* de Milton, quisesse também atribuir, aos seus futuros textos amazônicos, qualidade épica, ou seja, textos nos quais ele protagonizaria o seringueiro e o índio, mas principalmente o primeiro – e de modo heroico –, sem deixar de fazermos ver os mesmos desafios estruturais e composicionais que Milton teve de resolver, quando, sem perder muito tempo no exórdio da sua épica, invoca à Musa, pedindo-lhe forças e inspiração antes de começar a *narratio* de seu árduo poema. De modo semelhante, Euclides também reconheceu esse desafio proclamado por Milton, ao empreender sua odisseia literária e histórica na qual “[t]hingsunattemptedyet in prose orrhyme” tinham que ser interpretadas e registradas pela força espetacular da sua escritura (MILTON, 1975, p. 8). Eis aqui Euclides dissertando sobre tal dificuldade:

Quem terá envergadura para tanto? Por mim não a terei. A notícia que aqui chegou de um telegrama de um meu novo livro, tem fundamento: escrevo, como fumo, por vício. Mas irei dar a impressão de um escritor esmagado pelo assunto. E, se realmente conseguir escrever o livro anunciado, não lhe darei título que se relacione demais com a paragem onde Humboldt aventurou as suas profecias e onde Agassiz cometeu os seus maiores erros. (GALVÃO; GALOTTI, 2005, p. 269)

Mas que tipo de história, exatamente, queria escrever Euclides? Por estranho que possa parecer, não acreditava que ele mesmo ou qualquer outra pessoa pudesse escrever a história definitiva da Amazônia, dado que a Amazônia é uma “terra sem história” – como a denominara – de origem imprecisa e fabulosa para os primeiros que se aventuraram nela, e um laboratório de tentativas historiograficamente fracassadas. Descrevendo a sua principal artéria, disse ele, “[t]al é o rio; tal é a sua história: revolta, desordenada, incompleta” (CUNHA, 1966d, p. 229). Todavia, em pesquisa recente que realizamos sobre um manuscrito original de um dos principais ensaios introdutórios de *À margem da*

*história*, revelou-se que este texto recebeu um tratamento ligeiramente diferente da versão publicada que chegou até nós, posto que, depois de passar algumas linhas com observações preliminares, o nosso autor nos remete à seção intitulada “A baixada amazônica. História da terra e do homem”, portanto indicando que Euclides pensou em um dado momento que a Amazônia poderia ser historiada. Ora, este título inicial na versão do manuscrito contradiz o da versão publicada (“Terra sem história”); mas esse desajuste não se limita a essas linhas. Como bem aponta Susanna Hecht,<sup>3</sup> Euclides de fato se contradiz ao “dar a essa terra sua história”, e sugere que ele teria concebido o novo livro da mesma maneira como o fez com *Os sertões*, primeiro analisando o meio e depois os sertanejos, o que nos faz pensar que quanto à disposição das partes ele, sim, estava seguindo modelo idêntico para *Um paraíso perdido*.

Certamente “A Terra, O Homem e A Luta” de *Os sertões* serviram como matrizes conceituais para a produção de outros textos de apoio. Aqui, porém, o drama da viagem substitui o espetáculo da guerra de Canudos, utilizando a paisagem como metáfora e palco da luta. Em vez da derrota sangrenta como em Canudos, os sertanejos surgiriam como heróis da história, protagonistas do próximo, mas nunca terminado, “livro vingador” de Euclides, *Um paraíso perdido*.<sup>4</sup>

Logo mais retornaremos a esta questão sobre o ponto de contato entre *Os sertões* e *Um paraíso perdido*. Por ora, concentremos nossa atenção no livro inacabado. Euclides não era o tipo de escritor que se contentava facilmente com qualquer *petite histoire*. A história que ele desejava escrever tinha de ser forçosamente grandiosa e heroica. E ainda mais: que se afeiçoasse a um desenho complexo e completo da nossa nacionalidade:

[...] não temos ainda uma história. Não aventuro um paradoxo. Temos anais como os chineses. À nossa história, reduzida aos múltiplos sucessos da existência político-administrativa, falta inteiramente a pintura sugestiva dos homens e das coisas, ou os travamentos de relações e costumes que são a imprimidura indispensável ao desenho dos acontecimentos. Está como a da França antes de

Thierry. Não lhe escasseiam fatos, episódios empolgantes e alguns atores esculturais que embalem o nosso orgulho. Mas o seu discurso é obscuro. (CUNHA, 1966b, p. 208)

Ironicamente, embora reconhecendo a condição marginal da terra e dos povos da Amazônia – daí a inclusão da maioria de seus ensaios num livro cujo título acentua tal condição (À margem da história) –, ele teve de deslocar esse território “periférico” para o centro da historiografia brasileira. Tratava-se agora de redescobrir a Amazônia para a sociedade letrada do litoral. Não é acidental, portanto, que marginalidade e centralidade formam a dicotomia que o guiou na produção dos seus ensaios sobre a Amazônia, a tal ponto que seu gesto nos faz recordar que anos antes ele teve, de modo semelhante, de buscar outro lugar central para o ignorado, marginalizado território do nordeste brasileiro, ao defender sua tese sobre os esquecidos e abandonados sertanejos de *Os sertões*.

Mas antes de continuarmos a tecer nossos comentários sobre *Um paraíso perdido*, é mister resumir brevemente o estado dos ensaios de Euclides sobre a região amazônica. Atualmente, temos vinte e um textos abrangendo uma gama de temas: a colonização da região; a história dos tratados de demarcação de fronteiras; a indústria do látex e os crimes nos seringais; a relação entre o indivíduo e o seu meio ambiente; as tensões diplomáticas entre o Brasil e o Peru; as soluções ferroviárias para a região; o deslocamento dos nordestinos, sobretudo os cearenses, para os seringais; costumes folclóricos e religiosos dos seringueiros; conflito entre os nativos e os imigrantes, e outros. Esses textos aparecem, principalmente, em *Peru versus Bolívia, Contrastes e confrontos* e *À margem da história*.

A pergunta que fundamentalmente importa fazer aqui é a seguinte: por que Euclides deixou de mencionar o seu ambicioso projeto de livro em 1907, nunca mais retomando esse assunto na sua tão copiosa correspondência? A primeira resposta, talvez um tanto óbvia, parece estar relacionada com as dificuldades que ele teve de enfrentar ao querer se debruçar sobre algo tão problemático e volátil, em constante mudança ou transformação, e absurdamente esmagador e desafiante para os sentidos:

Com efeito, a nova impressão, verdadeiramente artística, que eu levava, não ma tinham inspirado os períodos de um estilista. O poeta



que a sugeria não tinha metro, nem rimas: a eloquência e o brilho dava-lhos o só mostrar algumas aparências novas que o rodeavam, escrevendo candidamente a verdade. O que eu, filho da terra e perdidamente [e] namorado dela, não conseguira demasiando-me no escolher vocábulos, fizera-o ele usando um idioma estranho [a] gravado do áspero dos dizeres técnicos. Avaliei então quanto é difícil uma coisa trivialíssima nestes tempos, em que os livros estão atulhando a terra, escrever... (CUNHA, 1966b, p. 206)

O território amazônico, que ele inteligentemente descreve quase em termos heideggerianos (“a terra que *está em ser*”), é, segundo esta perspectiva, uma terra que na verdade existe, mas se de fato aceitamos a sua condição de existência como tal, é graças a ela estar continuamente em evolução, crescendo. É um jardim de feição “desgraciosa e triste”, mal formado, cuja obra ainda está em andamento (CUNHA, 1966e, p. 244, 449; grifo meu). Desta maneira, a Amazônia é um território sempre ou eternamente em transmutação, vivendo a sua vida anfíbia, em processo de *ser*; em outras palavras, como Euclides prefere caracterizá-la, é “a última página, ainda a escrever-se, do Gênese” (RANGEL, 1966, p. 449). Não há a menor dúvida de que há um *work-in-progress* na Amazônia, como vasto território em evolução, a que palavras como “terminar”, “completar” não se aplicam. Aliás, terminar, definitivamente, não é também termo que se adote para referir-se à constante curiosidade intelectual de Euclides, a qual, quando combinada com seu impulso artístico, faz dele um dos nossos melhores intérpretes desse *inferno verde* como assim designou Alberto Rangel o espaço amazônico. Certamente, poderemos meditar sobre as implicações de se chamar o espaço amazônico um “paraíso tenebroso”, ou pior, um “paraíso diabólico”, “paragem maldita” (CUNHA, 1966d, p. 232; 1966e, p. 244-245), duzentos e setenta anos depois de Cristóbal de Acuña (1641, p. 13) ter estabelecido que o grande rio, “[y] a no tenerla plaga de mosquitos de que abunda enmuchosparajes, se pudierallamar a boca llenaun dilatado Paraíso”.

Salvo engano, foi Willi Bolle (2005) quem pela primeira vez tentou aproximar *Os sertões* de *Um paraíso perdido* com êxito e perícia. Muito parecido ao primeiro, o novo livro deveria responder ao desejo de Euclides de continuar sua análise daquelas populações isoladas, despossessas e ignoradas que ele encontrou naquele outro deserto,

Canudos, no interior da Bahia. A palavra-chave aqui é deserto porque, embora referindo-se a duas áreas geográficas aparentemente desiguais, possui a mesma carga semântica para as duas: região desolada e ignorada, conhecida na cartografia antiga como *terra ignota* (BOLLE, 2005, p. 145). Mas o tema central permanece o mesmo – o Homem. Esta é uma linha de investigação que começa com *Os sertões*, mas que nos faz às vezes acreditar que Euclides esteja mudando de assunto. Entretanto, nada poderia ser mais incorreto do que se pensar assim, pois ele não somente expande o seu estudo sobre a relação Homem-Terra, mas também nos conduz às profundezas do assunto para revelar-nos, histórica e antropológicamente, a luta pela sobrevivência dos sertanejos e dos seringueiros.

No árido deserto de Canudos, Euclides encontrou a *quixabeira*, “[a]gressiva para os que a desconhecem – ela é *providencial* para o sertanejo” (CUNHA, 1897). De igual modo, no Amazonas, a *paxiúba* “é a palmeira *providencial* da Amazônia” (CUNHA, 1966c, p. 258). Por um lado o regime de trabalho do sertanejo se define como o de um “*feudalismo acalcanhado e bronco*”, e por outro o do seringueiro como próprio de um “*feudalismo tacanho*” (CUNHA, 2001, p. 195; 1966d, p. 233). Conceitualmente, o autor viu ainda que “[a]os sertões do Norte”, porém, que à primeira vista se lhes equiparam [às savanas], *falta um lugar no quadro do pensador germânico*”;<sup>5</sup> como também observou Euclides que, “[r]ealmente, o caucheiro não é apenas um tipo inédito na história. É, sobretudo, antinômico e paradoxal. *No mais pormenorizado quadro etnográfico não há lugar para ele*” (1966c, p. 259). Em *Os sertões*, uma vez que o soldado do sul do exército republicano, o chamado “civilizado”, chega aos desertos do nordeste, ele se ajagunça, vale dizer, torna-se bárbaro (p. 702) do mesmo modo que o aventureiro de Lima ou Arequipa, depois de dois anos de existência na floresta amazônica, transforma-se em selvagem: “[a] princípio figura-se-nos um caso vulgar de civilizado que se barbariza, num recuo espantoso em que se lhe apagam os caracteres superiores nas formas primitivas da atividade” (1966c, p. 259; todos os grifos são meus).

A natureza na região de Canudos, embora inóspita, paradoxalmente ataca e protege o sertanejo (2001, p. 195) como também o rio do território amazônico, que depois de ameaçá-lo com suas correntes

e cachoeiras perigosas, mosquitos e malária, “carreg[a]-o; gui[a]-o; alimentando-o; protegendo-o” (1966a, p. 278).

Estilística e retoricamente, Euclides nos dá a impressão de que está usando um estêncil verbal, transposto de *Os sertões* para os ensaios de *À margem da história*, nos quais os modos de dicção são facilmente reconhecíveis. Registro aqui o primeiro caso, em que as atividades metalúrgicas, expressas com verbos de movimento, tanto em Canudos quanto na floresta dão-se as mãos:

Não ficavam nisto os preparativos. Reparavam-se as armas. No arraial estrugia *a orquestra estridente das bigornas, à cadência dos malhos e marrões: enrijando e maleando as foices entortadas; aguçando e aceirando os ferrões buídos; temperando as lâminas largas das facas de arrasto, compridas como espadas; retesando os arcos, que lembram uma transição entre as armas dos selvagens e a antiga besta de polé; consertando a fecharia perra das velhas espingardas e garruchas. E das tendas abrasantes irrompia um ressoar metálico de arsenais ativos.* (CUNHA, 2001, p. 438; grifo meu)

\* \* \*

No terreiro amplo, acabando na crista da barranca caindo em talude vivo sobre o rio, *uma agitação animadora e álcere; carregadores possantes passando em longas filas sucessivas arcados sob as pranchas de caucho; administradores ativos rompendo das portas do andar térreo e correndo para toda a banda, para os armazéns refeitos de conservas ou para as tendas fulgurantes, onde estridulam malhos e bigornas, reparando as achas e machetes.* (CUNHA, 1966c, p. 258; grifo meu)

O segundo caso procede daquela conhecida passagem de *Os sertões*, em que Euclides descreve a abrupta transformação de Antônio Conselheiro, segundo a qual o marido traído abandona a vida secular e privada para abraçar a roupeta em condição agora de líder espiritual de Canudos. A contrapartida dessa metamorfose em *À margem da história* encontra-se na descrição do caucheiro peruano. Vejamos como o nosso autor descreve os avatares de Antônio Maciel e os do aventureiro da selva, dramatizando o hiato entre o seu passado e presente, como se

ambos os indivíduos estivessem em cenas e cenários diferentes, no entra-e-sai de atores, cujas vidas poderiam estar marcadas por uma interrupção nas suas biografias, um episódio desconhecido, talvez misterioso, indicando a falta lógica de um elo entre o antes e o depois:

O moço infeliz de Quixeramobim *ficou de todo esquecido*. Apenas uma ou outra vez lhe recordavam o nome e o termo escandaloso da existência, em que era *magna pars* um Lovelace de coturno réu, um sargento de polícia.

Graças a este incidente, algo ridículo, ficara nas paragens natais breve resquício de sua lembrança.

*Morrera por assim dizer.*

*...E surgiu na Bahia o anacoreta*, sombrio, os cabelos crescidos, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordado ao clássico bastão em que se apóia o passo tardo dos peregrinos... (CUNHA, 2001, p. 266-267; grifo meu)

\* \* \*

[...] atira-se às florestas; enterreira e subjuga os selvagens; resiste ao impaludismo e às fadigas: agita-se, adoidamente, durante quatro, cinco, seis anos; acumula algumas centenas de milhares de soles e *desaparece, de repente...*

*Surge em Paris*. Atravessa em pleno esplendor dos teatros ruidosos e dos salões, seis meses de vida delirante, sem que lhe descubram, destoando da correção impecável das vestes e das maneiras, o mais leve resquício do nomadismo profissional. Arruina-se galhardamente; e volta... (CUNHA, 1966c, p. 261; grifo meu)

Uma vez que Euclides decidira escrever *Um paraíso perdido*, ele estava também preparado para denunciar veementemente o que ele alcunhou como “a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desaçamado egoísmo” (1966d, p. 232) dos barões da borracha, muito antes de que outros iniciassem uma onda de protestos contra os crimes perpetrados no território peruano do Putumayo e do Caquetá. No seu ensaio de 1906, “Entre os seringais”,<sup>6</sup> ele delata as condições de escravidão do emigrante nordestino, o cearense principalmente, o qual, depois de fugir da seca da sua região, sonhava

com uma vida melhor na floresta; porém, uma vez estando lá, via o seu sonho se esvanecer. Este ensaio antecede por um ano as acusações de Benjamín Saldaña Rocca em seus artigos para os jornais de Iquitos *La Sanción* e *La Felpa* em agosto de 1907. Antecipa-se ainda Euclides em suas acusações aos seguintes autores e suas respectivas obras: *Por América del Sur* (1908) de Rafael Uribe Uribe, as denúncias de Walter H. Hardenburg no periódico britânico *Truth* (1909) e em seu livro *The Putumayo – The Devil’s Paradise* (1912), *Las crueldades en el Putumayo y en el Caquetá* (1910) de Vicente Olarte Camacho, *Blue Book of the Putumayo* (1912) de Roger Casement e, finalmente, *The Putumayo Red Book* (1913) de Norman Thomson.

Ao revelar as atrocidades cometidas contra os índios e seringueiros, Euclides procurou modular sua voz de tal maneira que estivesse nos interstícios das disciplinas. Como poeta, ele fez uso da linguagem literária do seu tempo e como cientista utilizou as ferramentas do racionalismo, realizando assim uma perfeita, se não rara, combinação de saberes e técnicas, dificilmente encontrada em outros escritores, mas que nele constitui precisa e naturalmente a essência de sua poética narrativa.

Seria difícil imaginar um escritor brasileiro que estivesse tão mais intimamente ligado à sua terra pelas suas forças telúricas que Euclides da Cunha. Além de sua curiosidade intelectual, que fez dele mais do que um mero observador, mas um arguto e sincero leitor e intérprete da nossa terra e do nosso povo, Euclides tinha uma missão social a cumprir. Se não fosse assim, como entender que a ideia de voltar à Amazônia, a despeito das pressões familiares e dos reais danos à sua saúde já tão balada, estivesse uma vez mais se formando nele? O seu genuíno interesse inicial pela vida conflitiva e perigosa dos povos que viviam nas fronteiras entre o Peru e o Brasil obrigou-o a escrever dois excelentes ensaios em maio de 1904: “Conflito inevitável” e “Contra os caucheiros”.<sup>7</sup> Nestes dois ensaios, Euclides adverte seus leitores e as autoridades brasileiras para o perigo de uma luta armada iminente entre peruanos e brasileiros nessas fronteiras em virtude da crescente tensão diplomática entre os dois países vizinhos. Sendo a causa principal do conflito as incursões cada vez mais frequentes dos *caucheros* nessa zona litigiosa (do atual estado do Acre), Euclides a comunica a seus leitores, com seu salutar pessimismo, através de uma linguagem menos

técnica que a prosa mais tarde empregada para dirigir-se ao Barão de Rio Branco, porque o nosso escritor estava muito mais interessado em penetrar na vida dos nossos seringueiros que querer descrevê-los como anônimos atores de um mero quadro sinóptico ou estatístico feito para a história brasileira.<sup>8</sup>

O fascínio que sentia Euclides pelo *deserto*, assim era como ele preferia chamar o interior do Brasil de modo geral e em estrita oposição à cidade, tornou-se um lugar comum na sua correspondência com amigos e colegas mais para o final de sua turbulenta vida. A cidade continuava a perturbá-lo. Detestava-a e anatematizava-a na conhecida crítica que fazia à rua do Ouvidor do Rio de Janeiro ou àquela Manaus da *belle époque* caracterizada por ele como meio europeia, meio rural. Todavia, o deserto era a sua glória, mas infeliz dele, a sua maldição também, como lugar que Euclides vislumbrava para talvez morrer e descansar em paz, tal como sugere em carta de 22 de janeiro de 1905 a Edgar Jordão:

Estou a dois passos do deserto e nas vésperas de uma viagem, inçada de tropeços, dessas que a gente leva carta de prego para o Desconhecido.

Talvez, não volte. Falo, portanto, como quem se confessa. (GALVÃO; GALOTTI, 2005, p. 258)

Sem sombra de dúvida, há em suas palavras um desejo de escapar de uma existência que se tornara cada vez mais insuportável. Bem observada, essa carta foi a maneira tão peculiar de Euclides de se despedir dos amigos como se ele estivesse pressentindo o seu fim. E, uma vez mais, ele “foge” como sabemos, empreendendo uma jornada pela Amazônia em 1905, e tenta de novo outra escapada no ano seguinte, abortada somente pela autoridade implacável de seu pai, que tinha se tornado o seu crítico mais veemente. É assim como ficamos sabendo da reação paterna através de outra carta a Dutra, enviada do Rio de Janeiro em 7 de julho de 1906:

Não sei se aí chegou a notícia de que eu ia ser nomeado chefe da fiscalização da Madeira-Mamoré. Realmente as coisas se encaminham para isso e, se obstáculo sério que encontro – a oposição de meu pai – for desviado, aí estarei em breve, calçando

de novo as minhas botas de sete léguas. (GALVÃO; GALOTTI, 2005, p. 307)

Em grande escala existencial, a vida trágica de Euclides da Cunha não foi muito diferente daquela dos seringueiros que ele tanto defendeu. A deles foi invisível, distante, sinistramente imperturbada pelas luxuosas, porém inúteis, leis de nosso país, e ainda incrivelmente irreal para seus leitores. A de Euclides começou a se fazer notar por sua família, amigos e colegas, já que se tornara impossível encobri-la. Mas ele tinha excelentes razões para não fazê-lo, já que tudo andava espantosamente errado no seu matrimônio, e a malária – a única coisa duradoura que ele trouxera da floresta para casa – provou ser o seu pior *souvenir*. O Rio de Janeiro que ele encontrou na sua volta da Amazônia em princípios de 1906 tornara-se mais abjeto ainda, e o outro quadro familiar e profissional, com o seu casamento literalmente destruído e as possibilidades de um emprego estável cada vez menores, não era menos desalentador. Tivesse ele tido tempo, conforto espiritual e saúde, Euclides indubitavelmente teria escrito outro livro extraordinário sobre a Amazônia, e o seu esforço, então, de ressignificar a complexidade de seu paraíso perdido não teria sido em vão. É assim como o sugerem os seus impecáveis ensaios sobre o tema e é assim como devemos aceitá-lo, tal como ele foi: brilhante, contraditório, vulneravelmente humano e pateticamente trágico.

#### UTOPIAN AND DYSTOPIAN IMAGES OF THE DESERT AND RAINFOREST IN EUCLIDES DA CUNHA

##### ABSTRACT

This essay focuses on two important questions in the works of Euclides da Cunha. The first question addresses the utopian and dystopian images that Euclides creates to describe and to narrate the Amazonian rainforest; the second one, also related to his writings on Amazonia, refers to Euclides's linguistic matrices of duplication used in *Rebellion in the Backlands* and also *À margem da história*. Delving into the meaning of his incomplete and unpublished book, *Um paraíso perdido* [A Lost Paradise], the present study seeks to demonstrate the difficulties that, as a scientist, Euclides is confronted with in his critical observation of the complexity of the Amazonian ecosystem

in its relation with its inhabitants. From the artist's perspective, Euclides's hesitation and oscillation between a favorable and unfavorable representation of Amazonia is also closely examined in this essay. As an unfinished project, *Um paraíso perdido* replicates similar lines of thought and language styles he had utilized in *Rebellion in the Backlands*. So much desired, but abruptly and unknowingly aborted, *Um paraíso perdido* signals in principle the same strong aspiration found in *Rebellion in the Backlands*. Again, according to him the new unfinished book had to be *avenging*. Such social commitment on the part of Euclides gives more weight to his already high stature as a man of sciences and letters. Always adjusted to a classical and unusual diction of his unique language, both of his texts, *Rebellion in the Backlands* and *À margem da história*, share a common characteristic. In them, Euclides uses linguistics formulas that repeat themselves, revealing his mode of thinking and writing, which approximates, culturally and artistically, two geographic regions that are generally considered contradictory, the desert and the forest.

KEY WORDS: Utopia, dystopia, desert, Forest, Amazonia, social commitment.

#### NOTAS

- 1 Aqui, Euclides se refere ao cinismo e favoritismo dos políticos e críticos de seu tempo no Rio de Janeiro.
- 2 Eis aqui as palavras de Euclides sobre o primeiro livro: “Aquele campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo” (CUNHA, 2001, p. 67).
- 3 Livro não publicado, em versão manuscrita em inglês, cedido pela autora.
- 4 Ver o cap. 14, p. 8, e cap. 20, p. 8, de Susanna Hecht. A tradução é minha.
- 5 Cf. o subtítulo dado por Euclides, “Uma categoria que Hegel não citou”. Ver *Os sertões* (CUNHA, 2001, p. 133 e 134).
- 6 Originalmente publicado na revista *Kosmos*, ano 3, n. 1, Rio de Janeiro (CUNHA, 1966f, p. 508-511).
- 7 Ver *Contrastes e confrontos* (CUNHA, 1966f, p. 155-159 e 159-162).
- 8 De outra perspectiva, Euclides testemunhou o rancor dos peruanos contra os seringueiros brasileiros em comentário feito ao Barão do Rio Branco, quando da passagem da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus pelo seringal do Funil. Ver Cunha (2009, p. 826-840).



## REFERÊNCIAS

- ACUÑA, Cristóbal de. *Nuevo descubrimiento del Gran Río de la Amazonas*. Madrid: [s.n.], 1641.
- BOLLE, Willi. O Mediterrâneo da América Latrina: a Amazônia na visão de Euclides da Cunha. *Revista USP*, v. 66, p. 140-155, 2005.
- CUNHA, Euclides da. A Transaccreana, À margem da história. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966a. v. 1.
- CUNHA, Euclides da. Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966b. v. 1.
- CUNHA, Euclides da. Os caucheros, À margem da história. In: CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966c. v. 1.
- CUNHA, Euclides da. Terra sem história (Amazônia): impressões gerais. À margem da história. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966d. v. 1.
- CUNHA, Euclides da. Um clima caluniado. À margem da história. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966e. v. 1.
- CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966f. v. 1-2.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices de Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Organização de Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. v. 1.
- CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. Organização de Walnice Nogueira Galvão. Artigo de Euclides da Cunha, 1º set. 1897. Wikisource, a biblioteca livre. Disponível em: <[http://pt.wikisource.org/wiki/Artigo\\_de\\_Euclides\\_da\\_Cunha\\_de\\_1º\\_de\\_setembro\\_de\\_1897](http://pt.wikisource.org/wiki/Artigo_de_Euclides_da_Cunha_de_1º_de_setembro_de_1897)>. Acesso em: 20 maio 2011.
- GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Ed. Edusp, 2005.
- HECHT, Susanna. Livro não publicado, em versão manuscrita em inglês, cedido pela autora. Capítulos 14 (“Such as the River: Such is its History”) e 20 (“Cartographer at Court Maps: Maps, Texts, and History”).

MILTON, John. *Paradise Lost*. Ed. de Scott Elledge. New York/London: W. W. Norton & Co., 1975.

PIZARRO, Ana. *Amazonía: el río tiene voces*. Chile: Fonde de Cultura Económica, 2009.

RANGEL, Alberto. Préfacio ao Inferno Verde. In: CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966. v. 1.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.